

O Bero da Gra

Director — HUGO D'ALMEIDA

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Editor — ANTÓNIO LINO

CONTRASTES " " "

E' singularmente paradoxal a hora que passa. Por toda a parte cai fragorosamente o frágil edifício que os idealistas da Revolução Francesa ergueram sobre rios de sangue de tantas vítimas inocentes, para só ficarem frente a frente os dois únicos princípios que é lícito defender: a Autoridade e a Revolução, a Tradição e o Internacionalismo, o Nacionalismo e o Comunismo. Os velhos liberais (porventura há ainda quem o seja?) retiram-se desiludidos, vendo morrer a utopia que por tanto tempo julgaram uma radiosa verdade. Há-os, como o velho conde de Romanones, acreditando ainda na panaceia da pobre Liberdade desacreditada, mas o panorama mundial desmente-os em toda a linha.

Hora, na verdade, paradoxal. No dia 1 — data outrora de ferozes reivindicações e prenhe de ameaças, festejou-se na Europa a Festa do Trabalho. Porém quem pudesse numa rápida viagem aérea, percorrê-la de ponta a ponta, veria o contraste manifesto entre o modo de celebrar essa data. Mas não precisava, talvez, o curioso de percorrer a Europa; bastava que fôsse a Madrid, primeiro, e depois viesse até Barcelos; seria essa a maneira de obter uma síntese perfeita dos dois princípios norteadores do mundo de hoje.

Em Madrid as manifestações tomaram carácter relintamente comunista: gravatas e bandeiras vermelhas, imensas bandeiras vermelhas, em tal número que ao correspondente telegráfico lhe pareceram uma enorme serpente sangrenta; e a par disso retratos de chefes comunistas, Lenine e Estaline — os dois ditadores vermelhos, os dois ferozes «Czares» do comunismo, de perfil asiático e olhos odientos —, Júlio Prestes o esquelético chefe da recente revolta comunista do Rio de Janeiro, Thalmann, o chefe bolchevista que Hitler mantém a ferros como bacilo perigosíssimo ao sossêgo da Alemanha. E tudo acompanhado de vivas ao comunismo, à Rússia, à Revolução Social, e punhos cerrados erguidos, uma espécie de sarcástico arremêdo da nobre e elegante saudação fascista, posta em moda pelos «camisas negras» italianos. E Azaña, o célebre Azaña do biénio catastrófico, o homem que pretende resgatar com subserviências a frase «tiros à la barriga», Azaña o Kerenski espanhol, recebeu sorridente e bem disposto a comissão de comunistas e jovens sindicalistas que, entre outras cousas peregrinas, lhe foi pedir o castigo severo dos que reprimiram a odioso revolta das Astúrias em que morreram tantos mártires entre tormentos canibalescos! E' assim o govêrno da Espanha de hoje; é assim que os ambiciosos de governar procedem para se equilibrarem no poder; foi assim que em tempos não muito recuados procederam em Portugal os governos que não queriam desagradar à canalha, embora desagradassem e até ofendessem os direitos do Povo!

E se o turista curioso se afastasse enojado de Madrid e viesse, em rápido vôo, sobrevoar a risonha cidade de Barcelos, banhada pelo remansoso Cávado, veria o perfeito contraste do que acabara de assistir. Uma pequena cidade da Província, cheia de luz e de côr, sob um sol radioso de Maio, festejava, engalanada e ruídosa, o Trabalho Nacional, com a colaboração do Operário e do Patrão irmanados no mesmo ideal de bem servir. Os foguetes subiam no ar, não levando o pavor aos corações timoratos mas a certeza de que o 1.º de Maio não mais poderia ser cá dentro um dia de ódios à solta mas uma data nacional. E era entre aclamações entusiásticas que se saúdam, não os chefes da III Internacional Comunista mas os Dirigentes da Revolução Nacional que em 10. anos fez o milagre de restituir a Portugal a consciência de si próprio, insuflando-lhe confiança nos seus destinos, amor pelo trabalho honesto, gôsto pela vida e crença absoluta no Portugal Maior que nossos avós sonharam.

Contrastes... contrastes... A Ordem e a desordem paredes meias, Nacionalismo e o comunismo internacionalista, a Autoridade e a subserviência à canalha, um Povo que renasce das próprias cinzas e um outro que mergulha na sombra das piores vergonhas!

E eu chego às vezes a desejar que o estado de desordem aumente no vizinho para que todo o mundo veja sobressair a Ordem Portuguesa, a ordem que permite ao trabalhador de Portugal trabalhar em descanso, que o protege contra o mau capital, que o ampara no desemprego e que lhe oferece prazeres honestos nas horas de lazer. E' esta a Ordem Portuguesa comprovada com factos e não com abstrusas teorias impossíveis de pôr em prática no tempo ou no espaço.

E' por isso que no meio da convulsão em que o mundo se debate, as nações olham tristemente êste canto sossegado da Europa sem compreenderem que lhes é também possível obter em paz interna recorrendo às velhas energias ancestrais que cem anos de Liberdade fizeram esquecer.

ANTÓNIO A. DÓRIA.

A' MARGEM

Estamos na hora da revisão do significado dos termos que a boçalidade caseira deturpou em harmonia com a sua mentalidade vêsga.

Um dos conceitos mais pervertidos pela obtusidade indígena está no que encerra a palavra bairrismo, na sua acepção de amor à terra.

Este sentimento de dedicação ao torrão, para muitos, traduz-se em torcer o sentido das questões a seu bel-prazer; soltar guinchos, berrar como possessos, julgando que o grau de bairrismo depende do nível da toada de gritaria.

Outros, talvez convictos de que os que se sacrificam ocupando lugares de acção é só pela vã glória do mundo, pelo desejo de ostentação, põem à parte as atitudes para atacar, com flechas ervadas de baixos ressentimentos, as pessoas que as assumem.

Amor à terra!

Para que tal sentimento se possa manifestar com equilíbrio e ponderação, exige-se bom senso, educação e cultura, e, acima de tudo, intenções lavadas de sentimentos inferiores.

O que se vê, é uma luta personalista, na mira de gloriolas individuais.

Calca-se o «alter» para se fazer sobressair o «ego».

Subordina-se o critério do grupelho ao interesse da colectividade.

Tem-se o despalante de se propor resoluções alheadas das possibilidades de execução, da noção das realidades.

Isto revela desequilíbrio, falta de ponderação.

Com esta vesga noção de amor à terra, Guimarães não progride, recua.

Como transformar isto? Fazendo ouvidos de mercador aos que berrem, guincham e vociferam.

A coisa pública é só para os homens de sensatez e equilíbrio.

D A C I D A D E

SOCIEDADE VIDA CATOLICA

J. O. C.

ANIVERSÁRIOS:

Fizeram anos nos dias 21 e 22, respectivamente, os nossos prezados assinantes, srs. dr. Joaquim Ferreira Leão, distinto engenheiro municipal e Arnaldo Alpoim da Silva Menezes.

Durante a próxima semana fazem anos as ex.^{mas} sr.^{as}:

Dia 22 — D. Beatriz Teixeira Mendes de Aguiar.

Dia 23 — D. Beatriz Jorge.

Dia 24 — D. Maria Amélia da Costa Ferreira, D. Maria da Madre de Deus Pereira Mendes Fernandes e D. Ana Martins Adão Teles de Castro.

Dia 25 — D. Maria do Espírito Santo Correia de Matos e a menina Maria Mafalda Teixeira Martins Fernandes.

Dia 26 — D. Maria Virginia da Silva Costa.

E os ex.^{mas} srs.:

Dia 22 — Dr. Manuel de Carvalho R. Menezes.

Dia 24 — Dr. Abel de Vasconcelos Fernandes e dr. António Carneiro.

Dia 28 — Rodrigo José Leite Dias.

Os chefes da Revolução Nacional em Guimarães

No dia 27, pelas 12 horas, almoçam no Hotel da Penha os srs. General Carmona, ilustre Presidente da República e dr. Oliveira Salazar, chefe do Conselho e ministro das Finanças e da Guerra, com os Ministros e Generais do Exército que tomam parte nas Festas Comemorativas do Ano X da Revolução Nacional, a realizar em Braga, no próximo dia 26.

Guimarães sente desvanecido orgulho pela preferência dada à nossa montanha da Penha, estância de peregrina beleza, para a realização do almôço aos restauradores da Pátria Portuguesa.

GRALHAS

Saiu trocado o nome do autor do artigo, do nosso numero passado, sobre Gil Vicente: E' de A. L. de Carvalho e não de M. de Carvalho como saiu.

Nesse artigo apareceram mais algumas gralhas de fácil nota. Devia ter saído:

«Gil Vicente... e a Câmara»
«só prova circunspecção...», etc.

Domingo dentro da oitava da Ascensão

Evangelho:

Naquele tempo disse Jesus aos seus discípulos: — quando vier o Consolador, que vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade que procede do Pai, dará testemunho de mim; e vós dareis testemunho também, porque comigo estivestes desde o princípio. Disse-vos estas cousas, para que vos não escandalizeis. Expulsar-vos-ão das sinagogas, e até se aproxima a hora em que qualquer que vos faça morrer, cuidará que presta homenagem a Deus. Procederão assim, porque não conhecem nem ao Pai nem a Mim. Digo-vos estas cousas para que, quando chegar a hora, vos lembreis de que vo-los disse.

S. João, xv-26.

Considerações:

De facto, os apóstolos, depois de receberem o Divino Espírito Santo deram testemunho intrépido de Nosso Senhor Jesus Cristo, pregando o seu nome e proclamando a sua divindade, mesmo diante das autoridades que os ameaçavam e perseguiam.

Também os cristãos, como discípulos de Jesus, têm obrigação de dar testemunho do seu Mestre. E como? Devemos glorificar o nome de Cristo em primeiro lugar, pela santidade de vida. Os ensinamentos divinos e máximas do Evangelho.

Devem estar gravados no coração de cada cristão de tal maneira que se reflitam em todos os ramos da sua actividade o faça viver duma maneira digna de Deus e a vida de Jesus Cristo se manifeste nêles, como ensina o apóstolo S. Paulo. Afirmar publicamente que é cristão e viver em desharmonia com algum dos mandamentos divinos, não é glorificar a Cristo, mas antes ultrajá-lo, ofendê-lo.

E não basta a prática exterior da religião mas é exigido a santidade interior. A Deus nada é oculto e vê claramente a consciência de cada um.

A' santidade de vida devemos juntar a confissão pública da nossa fé em Cristo, sempre que isso seja exigido. Recordai as palavras do mesmo Jesus — Aquele que me tiver confessado perante os homens eu o reconhecerei também diante de meu Pai que está no céu: —aquele, porém, que me negar diante dos homens, eu o negarei também diante de meu Pai.

Sigamos o escrúpulo não só dos apóstolos, mas ainda de tantos irmãos nossos, que mesmo em presença de ameaças, perseguições ou zombarias não se envergonham da sua fé em Cristo, mas a confessam publicamente e corajosamente.

Porém, o testemunho mais eloquente e a melhor glorificação que podemos tributar a Cristo nosso Redentor, é a conquista de almas para o seu Reino.

O cristão, tendo no seu coração o amor de Jesus e a luz do seu Evangelho na inteligência não pode ficar indiferente e de braços cruzados perante a luta de ódio que se trava contra Deus, o seu Cristo e nosso Salvador e a sua Igreja; mas sim, deve acorrer ao chamado feito pelo Santo Padre, e tomar o seu pôsto no exército pacífico da Acção Católica que pretende levar às almas e à sociedade o amor e a paz de Cristo de que tanto carece.

Para tudo isto precisamos que o Divino Espírito Santo nos comunique os seus dons. Preparemo-nos, portanto, para a sua festa pelo recolhimento de coração e oração fervorosa que Ele nos conceda em abundância.

Francisco Pereira Mendes

Passou no dia 20 o aniversário natalício deste nosso prezado amigo e activo membro da União Nacional deste concelho.

A imprimir mais emoção e alegria a este dia festivo para o lar deste inteligente nacionalista, seu adorado filhinho fez a primeira comunhão.

Ao sr. Francisco Pereira Mendes as nossas saudações.

ORFEÃO

A estreia do novo grupo orfeónico vimaranense, realiza-se, como já anunciamos, no dia 31, no salão da Ordem de S. Francisco.

No meio vimaranense lavra intenso entusiasmo por este notável acontecimento artístico.

Terá a abrihantá-lo a colaboração do compositor folclorista Armando Leça.

Aniversário

No salão de festas dos escutas desta cidade, realizou-se como foi anunciada uma festa comemorativa do 1.º aniversário da fundação do núcleo da Juventude Operária Católica.

A sessão foi presidida pelo rev. assistente diocesano sr. padre Domingos Apresentação Fernandes e secretariada pelos srs. padre Carlos Simões de Almeida digno assistente da J. O. C. local e António Martins Fernandes, digno presidente da mesma.

O sr. padre Domingos Apresentação Fernandes, num brilhante improvisado fez uma resenha do movimento Jocista, focando a figura veneranda do Conego Cardyn, apóstolo e fundador da J. O. C. belga.

Depois, incitou os rapazes do Núcleo Jocista de Guimarães, para que prosseguissem na sua campanha em prol do operariado português.

Em seguida falou o sr. Constantino Alves, incansável propulsor deste movimento, que dissertou com brilho sobre as origens da Acção Católica e as Incíclicas a ela referentes.

Falaram também um delegado da J. O. C. de Mesão Frio sobre a necessidade da Acção Católica, e o sr. José Ribeiro Machado, membro da Direcção, que num belo improvisado, agradeceu a comparação de todos e aos oradores as palavras amigas que proferiram em louvor da acção algo proveitosa da Direcção da J. O. C.

Todos os oradores foram muito aplaudidos.

Realizou-se em seguida a representação de algumas comédias, monologos e recitativos, que agradaram a toda a assistência.

EXCURSÕES

Visitou-nos quinta-feira última uma excursão composta de alunas do Colégio Liverpool, que almoçaram no Hotel do Toural.

Pelo Município

Em virtude da solenidade do dia, ficou adiada a sessão camarária que se devia ter realizado quinta-feira, dia 21.

Com vista à Câmara

No largo do Campo da Feira encontra-se um cano fendido, brotando água há longos meses.

Pedimos à competente secção da Câmara um olhar misericordioso para este caso.

A hora é nossa

E' com desassombro e lealdade, bem alto, sem tibiezas que nós soltamos o grito que ecoa mundo fora, neste século de resgate, nascido dum sacrificio de sangue: a hora é nossa!

Sim, a nova hora, a nossa hora, a hora da gente mōça chegou.

A hora dos conservadores, dos aleijados de corpo e espírito, dos primários trogloditas de cérebros bafientos e mãos nos bolsos do colete, essa negra hora de um século, acabou!

Revolução Francesa: liberalismo, direitos do homem, democracia, maçonaria; comunismo...

Oh! a ignorância dos mitos da liberdade... de matar; da igualdade... na miséria; da fraternidade... fraticida!!

Tudo, tudo morreu.

Do alto do Tabor já se vê o mundo novo que ressurgiu.

* * *

A hora é nossa!

A hora é das juventudes, gente mōça, geração sacrificada, que há-de construir o Portugal de amanhã.

A hora é de intransigência, de luta; a hora é de mais alto, de ideal mais nobre.

Só com um ideal forte e dinamizador prossegue uma revolução; e que Ideal Maior desejariamos que o de Império?

Formemos uma mentalidade imperial e Ideal bem alto termos para incentivo, para a construção do futuro.

E' na mocidade que se encontra o Ideal de Vida, disse-o Salazar.

Não é com traves velhas que construiremos a cidade nova.

Não é com transigências, maneira de viver do passado, porque com responsabilidade nos descabros do ruir da Pátria e da Grei, nem com tibiezas que construiremos o mundo novo.

E os velhos são transigentes... eles nasceram e viveram na transigência... eles morrem transigindo...

E' na mocidade que se firma o ideal de vida.

E' a nossa mocidade, somos nós, nascidos no limiar da nova era, por isso sem responsabilidades para com ninguém; somos nós, é a nossa mocidade intransigente para quem quer que seja; é a nossa mocidade dinâmica, somos nós que temos de construir a cidade-nova, o mundo-novo!!

A hora é de luta, a luta é vida, é viver lutando para que todos tenham o lugar que lhes pertence.

E' a hora da autoridade, da justiça económico-social, da gerarquia e da responsabilidade. E' a hora da gente-mōça.

E na hora nossa, a vitória será nossa!

ANTÓNIO-LINO.

"As Gualterianas"

As Festas da Cidade para o ano da graça de 1936 têm a sua história, picaresca, sintomática, curiosa e, principalmente, pródiga em cenas de bairrismo balofo e caricato.

Vamos narrá-la com sobriedade e frieza, apenas condimentada com umas leves notas à margem.

Desta página de história contemporânea, actualíssima, expressivo índice da mentalidade caseira, ressalta, aureolado pela luz do archote de gato-pingado, a palidez do amor à terra dos nossos formidolosos bairristas.

A história das festas começou em Janeiro, frio e borrascoso, numa reunião promovida pela Câmara Municipal.

Ventilaram-se nessa assemblea de representantes de forças vivas, como sói dizer-se, diversos assuntos de interesse concelhio.

Quanto a Festas o Sr. Presidente do Município comunicou que a Câmara contribuiria para sua realização com 70 contos.

Era muito... era pouco... Eram 70 contos.

De harmonia com esta verba impunha-se a organização do programa das Festas.

Nova reunião convocada para esse fim em 20 de Janeiro. Lá estavam os bairristas, as forças vivas e as forças mortas. Atitudes graves. Fisionomias pálidas. Tem-se a impressão de que se vai ler uma sentença de morte.

Preside em nome do Município o Sr. A. L. de Carvalho.

Convida a assemblea a pronunciar-se sobre o programa das Festas.

Os «bairristas» lá começam a emitir as suas conspícuas opiniões. Sobre um programa das Festas, amoldado aos 70 contos, como aconselhava o bom-senso?

E isso seria construir, e aqueles Senhores estavam ali para emperrar.

Resultado: nulo.

Reunião negativa.

Miserio bairrismo!

Pobre Guimarães!

Não conseguiram esboçar números festivos para se gastar a verbazinha de 70 contos, preferindo perder o tempo em descosidas considerações.

Nova reunião.

Estão presentes alguns artistas vimezanenses.

Muito bem. Por aqui se devia ter começado.

Preside o Sr. Presidente da Câmara.

Além de outros números, alvitra-se a reconstituição histórica da entrada de D. João I no velho burgo.

A assemblea concorda. O programa estava esboçado nas suas linhas gerais.

Entrementes, impõe-se como dever categórico, sublinhar festivamente, a passagem do 4.º centenário da morte de Gil Vicente. Esta necessidade avoluma-se.

Dar às Festas um carácter vincentino, sem quebra do seu aspecto popular, seria a solução.

Das «Festas da Cidade» têm feito parte cortejos históricos: 8.º centenário do Nascimento de D. Afonso Henriques e Batalha de S. Mamede.

Não era caso inédito. Estava-se dentro da tradição. Alguns ainda gritaram: queremos Gualterianas independentes das comemorações de Gil Vicente.

Era a voz da insensatez. O dinheiro dos munícipes não pode ser repartido por Festas.

Há muitas necessidades vitais a satisfazer por essas aldeias fora.

Esboça-se o cortejo vincentino com alegorias ao fundador do Teatro Português e alvitra-se a representação de autos.

Os inconscientes desenham ataques surdos a este programa. O primeiro projecto, o do cortejo, submetido à apreciação do poeta Afonso Lopes Vieira, autoridade na matéria, mereceu-lhe calorosos aplausos.

Vereadores da Câmara vão a Lisboa e estudam com os componentes da Companhia do Teatro Nacional as possibilidades de realização do cortejo e representação de autos de Gil Vicente.

Trabalha-se.

Os «bairristas», porém, sornos e inactivos, porque não ouvem ruídos sobre as Festas já guincham.

Os números em esboço vão imprimir grandeza e imponência às Festas da Cidade.

Os bairristas lá continuam a esmoer o cibo: há Festas? não há Festas?

No entanto, trabalha-se. Os fazedores de notícias e registadores de ecos, capazes de anotar as mínimas ninharias, procuram, acintosamente desviar do conhecimento público os trabalhos em preparação.

(Continua na 8.ª página)

Bairrismo! Amor à Terra!

Mas o que entendem os bairristas por amor à terra?

Vejamos:

Entre os organismos que zelam pelo progresso de Guimarães, ocupa, pela amplitude da sua acção, lugar de excepcional relêvo, a Câmara Municipal.

Não é despropositado afirmar que os homens que aceitam postos camarários, posições de sacrificio e responsabilidade, não é com o negregado propósito de contrariar o progresso da nossa Terra.

Há almas daninhas que até isso julgam.

Mas nós estamos a escrever para homens de carácter.

Sendo assim, era do mais elementar bairrismo que todos os vimaranenses procurassem pelas suas respeitadas sugestões e conselhos ditados pela experiência, contribuir para a boa marcha das questões municipais.

Censurar com fundamento e correcção, alvitrar com bom-senso e noção das realidades, enaltecer com aprumo moral — são atitudes dignas de qualquer bom vimaranense.

No entanto, o que é que nós vemos?

Ataques sistemáticos, acintosos e odientos.

Não se censura, agride-se sem respeito nem educação. Não se alvitra, impõe-se e exige-se com insolência e desafôro.

Radicada esta falsa noção de bairrismo, os grandes vimaranenses são os exaltados, os zaragateiros, os espantosos e os disparatados.

A apagada e vil tristeza que nos envolve resulta desta decadência mental e cívica.

Cobrança do 2.º trimestre

Vamos proceder à cobrança do 2.º trimestre que termina com o nosso número 24.

A rápida liquidação dos recibos, a-pesar-de adiantada, representa patrocínio e carinho por este baluarte da ordem, que muito nos satisfará.

De todos os nossos estimados assinantes esperamos, pois, a gentileza do bom acolhimento da cobrança do nosso 2.º trimestre.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O "célebre" plano quinquenal

A prova de que faliu o «célebre» plano quinquenal, é que os próprios dirigentes russos, mudam amiudadas vezes de idea e de opinião sobre tudo que se relaciona e diz respeito a esse plano.

Não devem ter sido bons os seus resultados, porque, ao certo, nada se sabe, e as trombetas do reclamo das maravilhas russas-comunistas, não têm tocado, convenientemente, estrondosamente...

Onde estão os seus miríficos resultados, os seus sábios ensinamentos, as suas boas conquências, dignas e úteis para se imitarem? Onde se encontram as conclusões básicas e aproveitáveis da famosa economia dirigida comunista, para que os povos fiquem admirados e queiram realizar o mesmo plano? Pergunta-se, mas ninguém responde!

Na U. R. S. S. só se mostra ao estrangeiro somente tudo aquilo que está muito bem preparado para que ele veja, e mesmo assim a correr; mas são os próprios russos, descrentes e desesperados, que mandam pelo mundo o seu brado de indignação e fazem luz sobre alguns mistérios comunistas...

Os países essencialmente agrícolas, são sempre países ricos, porque a agricultura é sempre a maior base da economia de uma nação.

A Rússia bolchevista encontra-se, mais ou menos, no meio do segundo período quinquenal, devendo, portanto, apresentar resultados surpreendentes, sobretudo no que se refere ao plano agrícola.

Se formos buscar as teorias comunistas, se formos lembrar o que é o «célebre» plano quinquenal, devíamos ver na Rússia bolchevista, que as pequeninas propriedades, os pequenos lotes de terreno, deviam ter desaparecido, incorporando-se às grandes áreas, às enormes propriedades, aos incomensuráveis latifúndios, cultivados, tratados, criados, em comum, em boa sociedade comunista, pelos camponeses, pelos trabalhadores-colonos, aos quais deveriam, os dirigentes comunistas, ter fornecido os melhores mecanismos, em profusão e nas condições anunciadas no «famoso» plano.

O que anunciava, estrondosamente, o primeiro plano quinquenal?

A socialização de um sector de agricultura equivalente à quinta parte do número total dos estabelecimentos agrícolas.

Mas, durante a execução e em vista dos inúmeros e crescentes sucessos e triunfos, os «chefes-ca-

SOBRE O ANO DA COMEMORAÇÃO GILVICENTINA

Esboçou-se no nosso jornal, com elevação e inteligência, o programa comemorativo da passagem do 4.º centenário da morte de Gil Vicente.

Era o momento oportuno da nossa Terra prestar condigna consagração ao fundador do Teatro Português, glorioso filho de Guimarães, segundo as melhores versões.

Através dos depoimentos dos intelectuais que responderam ao nosso inquérito, estava, nas suas linhas gerais, traçado o programa da comemoração gilvicentina.

Erecção de um monumento que não fôsse um fontenário, como frisava o sr. dr. Alfredo Pimenta; construção de uma casa de espectáculos cuja falta é deplorável; conferências, representações ao ar livre, em forma de entremez, de alguns autos; edições das obras de Gil Vicente, etc.

A execução deste programa representaria um título de glória para a nossa geração.

Mas, como estas realizações estão dependentes de múltiplos factores, a Câmara de Guimarães propunha-se transformar em realidade o que estivesse na medida do possível.

Para a consecução deste objectivo alguns versadores deslocaram-se a Lisboa, onde efectuaram as necessárias *démarches*.

Surge, porém, na Academia das Ciências uma comunicação do ilustre escritor sr. dr. Júlio Dantas, para que a comemoração do 4.º centenário de Gil Vicente se efectue em 1937.

Há apenas como pretexto deste adiamento as férias da Academia, ou, pelo contrário, militam a seu favor argumentos sérios?

Reconhecida a primeira hipótese, como razão determinante da atitude da Academia, Guimarães não podia seguir-lhe a esteira.

Tal facto, porém, não se dá. Vejamos:

Do campo das conjecturas em que voga a vida de Gil Vicente,

maradas» prediziam a colectivação integral, quando terminasse o plano, o que equivale a dizer, no já remoto ano de 1932.

O «paraíso bolchevista» viceja no ano de 1936. E o que se vê na Rússia comunista, a respeito do «célebre» plano quinquenal, é o gado disperso, não tendo sido reunido em rebanhos e os estábulos, cocheiras colectivas, tuilhas, galgões para beneficiar os cereais, moinhos, etc., etc., tudo por construir, bem como as «famosas» fábricas químicas que haviam de produzir adubos artificiais, nitratos, superfosfatos...

O plano quinquenal é que foi... super-artificial...

sobressai, com foros de veracidade, que em Dezembro de 1536 o poeta ainda era vivo, pois, nesse mês e ano, tomou parte na representação da «Floresta dos Enganos», interpretando o papel de Doutor.

Além disso, consultando os seus biógrafos, são quasi todos unânimes em atribuir o seu falecimento a data posterior a 1936, não ultrapassando, porém, o ano de 1540.

Inocência da Silva, no seu dicionário bibliográfico, pág. 144, Tomo III, diz que Gil Vicente faleceu logo depois de 1536.

Brito Rebelo opina pelo ano ano de 1539 a 1540.

Sanches de Baena cita um documento encontrado no cartório da casa de Gil Vicente, escrito pelo neto do poeta, dando o falecimento do comediógrafo em fins de 1540.

Carolina Michaelis admite a hipótese de Gil Vicente ter vivido quatro anos depois da representação da «Floresta dos Enganos».

Barreto Feio e J. G. Monteiro dizem que sobreviveu a 1536.

Facto averiguado:

Gil Vicente viveu até Dezembro de 1536, insinuando a maior parte dos seus biógrafos, para não dizer a totalidade, probabilidades do poeta ter existido para além daquela data.

Conclusão: qualquer homenagem a Gil Vicente anterior a Dezembro de 1936 não pode com fundamentos históricos, ser considerada comemorativa do 4.º centenário do poeta, pois recuados quatro séculos, o comediógrafo ainda estava vivo.

Se Gil Vicente tomou parte na representação da «Floresta dos Enganos» em Dezembro de 1536, segue-se que todas as comemorações anteriores a Dezembro de 1936 são extemporâneas.

Não podemos, anteriormente a este mês e ano, afirmar com fundamentos históricos, que se comemora o 4.º centenário da morte de Gil Vicente.

E' falso.

Em Dezembro de 1536 Gil Vicente estava vivo.

Aventa-se, porém, que à falta de conhecimento da data precisa da morte do mestre Gil, se fixe a sua comemoração no mês de Dezembro de 1536, por ser neste mês e ano que o fundador do Teatro Português assinou a derradeira obra.

Estava bem, desde que essa comemoração se efectuasse em Dezembro de 1936.

A Academia não convém ê-se mês porque está em férias e a nós também não por o mês de Dezembro ter as características meteorologias que todos nós conhecemos.

Após o último mês do ano

A N O X

Foi há dez anos que, de Braga, se levantou a gloriosa falange, a única que não tinha ainda sido corrompida por um século de barbárie e traição à Pátria, a falange gloriosa do exército português, para expulsar do poder os vendilhões da Pátria!

Ao passar o X aniversário da Revolução Nacional, saúdemos o exército, guarda gloriosa das virtudes ancestrais da Raça.

A arrancada do 28 de Maio será este ano, Ano X, comemorada com imponente grandiosidade.

Em Braga, terra Mãe do movimento, sente-se grande entusiasmo. Prepara-se uma vibrante recepção ao venerando chefe do Estado, ao Expoente máximo da Revolução, Salazar, ilustre chefe do governo, ministro das Finanças e da Guerra, e às demais autoridades que visitarem Braga.

E' esperado com ansiedade o discurso de Salazar actual chefe do exército, aos Soldados de Portugal.

Tudo se prepara para que as comemorações do Ano X da Revolução Nacional atinjam o máximo esplendor.

qualquer data pode ser escolhida, porque de Dezembro de 1536 em diante os biógrafos do poeta perdem-se numa teia de conjecturas sobre a data da sua morte.

A Academia, pela voz autorizada do seu presidente da secção de Letras, o ilustre escritor sr. dr. Júlio Dantas, e com o caloroso e unânime aplauso dos seus colegas, propõe o ano de 1937 para a consagração de Gil Vicente.

O sr. dr. Agostinho de Campos, alta figura no campo das letras, em artigo de 17 de Maio, no *Comércio do Porto*, intitulado «A Lição de Gil», também admite que as festas jubilares do centenário da morte do genial comediógrafo poderão estender-se por 1937, «tanto mais que alguns fixam conjecturalmente em 1537 a data da morte do poeta».

A transferência da comemoração do 4.º centenário da morte de Gil Vicente para o ano de 1937, como a Câmara de Guimarães resolveu, estribada na deliberação da Academia das Ciências, tem, pois, motivos que a justifiquem.

O Berço da Grei

Redacção e administração
Rua da República, 48-1.º

Propriedade da Empresa

Assinatura anual, 20\$00; trimestral, 5\$00
e avulso, \$50

Composto e impresso:

Tip. «Minerva» — Famalicão

Festas da Cidade

Pelos vereadores srs. António Lopes de Carvalho e dr. José Maria de Castro Ferreira foi apresentada na sessão de 30 de Abril último uma proposta, a qual foi aprovada, e que é do teor seguinte:

Que se confie à Associação Comercial e Industrial de Guimarães o encargo de realizar a Festa da Cidade e Feiras de S. Gualter.

Esta proposta foi comunicada à citada colectividade. Por sua vez, esta colectividade transmitiu a sua proposta à Câmara, dando-lhe simultaneamente publicidade por meio da imprensa.

Da nota officiosa da Associação Comercial e Industrial de Guimarães resultou uma larga divulgação, de efeitos desprimorosos, não só para os brios da vereação como para o prestígio da instituição municipal que representamos. Por quanto — a) Na citada nota a referida Associação lamenta em geito de *censura* «que durante estes quatro meses últimos nada se tivesse feito em prol das Festas Gualterianas» o que é faltar à verdade dos factos.

Mas esta referência da nota officiosa da Associação é mera *picuinha*. O que não pode passar sem *justos reparos* é o que na mesma nota a Associação Comercial põe como condição para aceitar o encargo da realização das Festas: «só dar início aos seus trabalhos para a realização das Festas da Cidade, depois da C. A. da Câmara Municipal depositar na Agência da Caixa Geral dos Depósitos e à ordem da Associação Comercial e Industrial de Guimarães a verba de 70.000\$00».

Seria lícito que a direcção da citada colectividade manifestasse aquele *desejo*, indo qualquer dos seus membros junto da Câmara justificar a conveniência que tinha nesta medida. Embora o facto constituísse *novidade*, pois receber *adiantada* nunca foi prática seguida, ainda assim podia justificar-se *como desejo*.

Não só, porém, se não procedeu assim, *sensata e prudentemente*, mas proferiu-se transformar um *desejo* em uma condição imperativa: — *pague a Câmara adiantadamente, ou nós Associação, não tomamos o encargo!*

Para mais agravo, fez a Associação dar o maior ruído de publicidade ao seu... *ultimatum*, por meio de «Nota officiosa» à imprensa e porque a achavam agressiva em excesso tiveram os redactores da nota necessidade de a arrematarem com a superflua declaração — de que tal deliberação «não envolve a mais ligeira desconfiança». Simplesmente não são as «palavras» mas as «atitudes» que em semelhante caso,

exprimem a verdade e julgam das boas ou más intenções.

A direcção da Associação Comercial e Industrial de Guimarães, recebendo da Câmara Municipal uma proposta *de confiança e sem condições*, não podia, por honra sua, *pôr condições imperativas* para a receber. Procedendo, como procedeu, *incivilmente*, praticou um acto associativo *infrutuo-*so pois da sua atitude deve resultar não só o *enfraquecimento* do seu prestígio, mas ferir o próprio objectivo da celebração Gualteriana, cuja história anda presa aos brios da Associação e ao interesse do comércio lojista que representa, em face do que justificamos a seguinte proposta:

1.º — Que a Câmara, vendo no procedimento da direcção da Associação Comercial e Industrial de Guimarães uma mal dissimulada recusa em tomar o encargo das Festas da Cidade tome, a si a prática não só da Feira Franca de S. Gualter, como a parte festiva que haja de a engrandecer, visto não fazer sentido que, *por culpa da Associação Comercial e Industrial*, se deixe de animar o mercado anual do maior interesse para os lojistas.

2.º — Se porém, a vereação achar mais profícua a aplicação de parte da verba destinada às festas em necessidades da administração Municipal, que em tais circunstâncias, a importância de 40.000\$00 seja aplicada a uma obra de comprovado interesse e aplauso público, na *Cidade*, visto tratar-se de uma verba que inicialmente à *Cidade se destinava*.

3.º — Que, finalmente, se destine a referida verba ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra, ou ao arranjo do Largo de S. Francisco, uma e outra cousa constituindo aspirações latentes a satisfazer.

Pelo sr. presidente foi apresentada a seguinte contra-proposta:

«Que a proposta seja votada com a alteração seguinte:

1.º — Destinar 40.000\$00 da verba a que a mesma proposta se refere, à concessão de subsídios pelas freguesias do concelho abaixo designadas, dando-se assim justo deferimento às petições que a esta Câmara foram dirigidas, no sentido de se proceder de remédio às fontes públicas das mesmas populações.

2.º — Encarregar os srs. Vereadores das Obras e da Higiene de organizarem, de colaboração com o sr. Engenheiro Municipal, o processo respeitante das referidas fontes rurais. Que esta medida administrativa seja tomada com o aplauso à Política de assistência rural preconizada pelo Governo da Nação.

Nota — As freguesias indicadas no número desta proposta

O conceito social da riqueza

Algures, pronunciou o sr. dr. Oliveira Salazar, a propósito dos erros passados do liberalismo económico, estas palavras profundamente expressivas e ricas de ensinamentos:

«Nós adulteramos o conceito de riqueza, desprendêmo-lo do seu fim próprio de sustentar, com dignidade, a vida humana, fizemos dêle uma categoria independente que nada tem que ver com o interesse colectivo nem com a moral, e supusemos que podia ser finalidade dos indivíduos, dos estados ou das nações amontoar bens sem utilidade social, sem regras de justiça na sua aquisição e no seu uso.»

E continua:

«Nós adulteramos a noção do trabalho e a pessoa do trabalhador. Esquecemos a sua dignidade de ser humano, pusemos diante de nós o seu valor de máquina produtora, medimos-lhe ou pesamos-lhe a energia, e não nos lembramos sequer de que êle é um elemento da família e de que nele não está a vida, mas na mulher, nos filhos, no lar.»

Pode dizer-se lapidar esta síntese dos vícios e dos efeitos da economia liberal, monstruoso sistema inhumano que tudo sacrifica ao culto bestial da riqueza.

Temos de nos desprender dêsse conceito absurdo que faz da riqueza um fim e uma categoria autónoma.

Precisamos de restaurar a noção social da riqueza, de proclamar que êle não é um fim mas um instrumento.

A riqueza nada vale nem significa por si. Nesse aspecto, seja qual fôr a sua forma, é tão socialmente inoperante como uma arca, cheia de peças de ouro, a apodrecer no fundo dum pôço.

A riqueza temos nós de entendê-la como o conjunto dos meios

materiais adequados à satisfação das necessidades humanas.

Assim não se trata, não pode tratar-se de a acumular, improdutivo e estéril, nas mãos dos particulares ou do estado.

Em vez de a amontoarmos inútilmente, é necessário que a façamos desempenhar a sua missão social.

Precisamos de não esquecer, em caso algum, que ela se destina a sustentar com dignidade a vida humana. E só isto por si impõe um regime económico em que se garantam a todos os que trabalham os meios de subsistirem dignamente, assegurando-se-lhes o lar, o pão e a educação dos filhos.

O trabalho não pode ser reputado uma mercadoria ordinária ou um simples valor de troca, exclusivamente sujeito às flutuações da oferta e da procura.

Assim do trabalho, temos de considerar a natureza humana de quem o presta e de atender às suas necessidades pessoais e familiares.

A' margem destas noções tudo o que se constrói, forçosamente e fatalmente, padece de um vício irredimível.

Se queremos fundar a paz social, precisamos de subordinar a riqueza aos princípios do bem e do mal, de introduzir a justiça nas relações de que ela é objecto, e isto tanto no que se refere á aquisição como no que respeita ao uso dos bens.

Temos de nos convencer de que as sociedades não podem ser regidas pela brutalidade das leis da selecção natural.

Uma sociedade, só porque existe, é uma afirmação de que os instintos capitularam e de que a luta pela vida passa a ser condicionada pelas regras morais.

E' esta noção que tem de ser introduzida na memoria.

são: Vermil, Donim, Fermentões, Conde, S. Faustino de Vizela, Mascotelos, S. Cristóvão de Sêlho, S. Lourenço de Sêlho, Rendufe, Calvos, S. Romão de Mesão-Frio, S. Lourenço de Sande, Urgez, Atães, Brito (S. João), Serzedo, S. Clemente de Sande, S. João de Airão, Gondomar, Santo Estêvão de Briteiros. — Aprovada por, maioria.

Declaração de voto — Pelos srs. Vereadores A. L. de Carvalho e dr. José Maria de Castro Ferreira foi feita a seguinte declaração de voto: «O facto de darmos preferência à aplicação da verba de 40 mil escudos a uma obra cidadina, tendo, como patenteamos, uma razão especial e de oportunidade a justificar essa

preferência, não representa menos simpatia ou aplauso por uma medida administrativa duma das mais latentes necessidades da vida das povoações rurais do concelho.

RECTIFICAÇÃO

No artigo do nosso colaborador José Luiz de Almeida sobre Maestro Chicória, safu: *tem sempre um tom maior*. Devia ser: *tem sempre um tom menor*.

Troca aparentemente mínima, mas que para a arte musical representa uma total inversão de pensamento.

A Comemoração Gilvicentina ... e a Imprensa ...

Tem vindo a lume, elevadas e sensatas sugestões sobre a forma mais condigna de comemorar a passagem do 4.º centenário da morte de Gil Vicente, notável e grandiosa figura quincentista.

Desde o momento que está determinada ser para o ano de 1937 a consagração na nossa Terra, daquele glorioso filho de Guimarães, estamos com tempo de executar um programa que nos ennobreça e prestigie.

No jornal as *Novidades*, foi alvitrada a seguinte comemoração centenária do génio de Gil Vicente.

Primo: publicação, comentada por um professor universitário, dos Autos; segundo: representação dos principais Autos no Teatro Nacional; ténico: uma série de conferências públicas, eruditas e solenes umas, populares e acessíveis outras.

«O Ministério da Educação Nacional podia chamar a si a comemoração centenária.

«Respeitosamente o lembramos ao sr. dr. Carneiro Pacheco.»

A erecção de um monumento em Guimarães, completaria belamente este grandioso programa.

Cumpre-nos a nós vimaranenses, solicitar o alto patrocínio do Governo da Nação para este grandioso número comemorativo, lembrando-o respeitosamente ao sr. Ministro da Educação Nacional.

Para a consecução deste objectivo, exige-se uniformidade de acção e convergência de critério.

Se nos dividimos, fazemos sossobrar este grandioso número comemorativo da passagem do 4.º centenário da morte de Gil Vicente.

ROMARIAS

Foi muito concorrida a romaria pequena do S. Torcato.

Durante a tarde de domingo passado muitos vimaranenses deslocaram-se até ao pitoresco local onde se venera aquele santo, tendo as festividades decorrido com brilho.

— No dia 31 realiza-se na freguesia de Calvos, Lapinha, uma festa em honra do Espírito Santo.

A comissão organizadora das festas, presidida pelo sr. Manuel de Carvalho Saraiva Brandão, está empenhada no brilhantismo do programa, para que todos os seus números festivos satisfaçam as pessoas que no último domingo do mês afluem ao panorâmico miradouro da Lapinha.

INTERROGAÇÃO

*Porque terei assim uma alma triste
Que no mundo ninguém sabe entender?
Porque será, se a f'licidade existe,
Que eu não a posso achar nem conhecer?*

*Porque em meu peito a dor assim persiste?
Meu Deus! Estou cansada de sofrer!
Mas se eu nasci já sonhadora e triste,
Triste serei de certo até morrer.*

*Dai-me, Senhor, uma alegria intensa,
Feita de amor, de sonhos e de crença;
Dai-me a ventura que procuro em vão...*

*Pois mostrar alegria sem sentir,
E sofrer e chorar fingindo rir,
E esmagar o próprio coração.*

Do livro *Neblina*, de Bernardette de Castro Faria.

DO CONCELHO

Urgeses, 16

Grave desastre — Na passada segunda-feira foi esta freguesia alarmada com um triste e lamentável acontecimento que quasia ia fazendo sucumbir um nobre mção na pujança da vida.

Trata-se do jornalista fafense Albérico da Silva, que, quando se dirigia de Fafe a Vizela numa moto FN 1943, num andamento moderado, em companhia de um amigo, surgiu-lhe, ao passar nesta freguesia próximo à escola oficial, uma camionete em serviço do Bairro operário, da empresa Recoveira, n.º 13982, conduzida pelo sr. Abel Machado, que embatendo violentamente na moto arremessou os seus tripulantes para o outro lado da estrada. Aos gritos lancinantes de quem à tragédia assistiu, juntaram-se inúmeros populares que prontamente socorreram o inteliz jornalista, o qual, encontrando-se com a perna direita completamente esfacelada, foi conduzido ao hospital da Misericórdia.

Mais tarde compareceu no local um polícia de S. P. que tomou conta da ocorrência.

Todas as pessoas atribuem a responsabilidade do desastre ao *chauffeur*.

Desde que as camionettes começaram a fazer serviço no Bairro Operário, previmos algum desastre, pelo descuido que notavamos nos condutores dos veículos.

Que o sucedido sirva para no futuro haver mais cautela.

Bairro Operário — Como *O Berço da Grei* noticiou já em artigo de fundo, principiaram nesta freguesia por detrás da Escola Oficial as obras de construção do Bairro Económico que o governo do Estado Novo prometeu o ano passa-

do aos operários de Guimarães, por ocasião das Festas do 1.º de Maio.

Nêle trabalham já perto de uma centena de operários.

Segundo nos disse pessoa autorizada estas casas económicas devem estar concluídas no prazo de oito meses.

Um benemérito — Na semana passada faleceu em Vila Adélia o operário António Lopes que nesta freguesia contava inúmeros amigos. Era um homem sério, honrado e trabalhador.

O seu nome fica ligado a instituições desta paróquia.

Deixou algumas centenas de escudos à Conferência de S. Vicente de Paulo e à Juventude Operária Católica, para fins benéficos.

Foi sepultado no cemitério paróquial desta freguesia com todos os sacramentos religiosos. Paz à sua alma. — C.

Nespereira

Estrada intransitável

A' Ex.^{ma} Câmara Municipal relembro o mau estado em que se encontra o caminho que estabelece ligação entre esta freguesia e a de Gandarela.

Os lavradores cujos campos margina este caminho, tradicionalmente conhecido por «estrada real» ansiosamente desejam a sua reparação, pois que o povo, para evitar os boqueirões, fazem dos campos estrada, prejudicando as sementeiras.

E' pois da máxima justiça a reclamação deste bom povo, e eu espero em breve poder dizer nas colunas de *O Berço da Grei*, que este barrôco se transformou novamente em caminho transitável.

A quem de direito, por caridade e por favor. — C.

Pelas letras

«Neblina» de Bernardette de Castro Faria

Na convicção de que o verso é unicamente a grafia dos estados anímicos, desenha-se entre as novas gerações uma tumultuária e desordenada reacção contra os cânones da poesia.

Dos discípulos desta escola moderna, resultam essas produções poéticas que pela sua rigidez geométrica e nebulosidade de pensamento, são a antítese da beleza e da emoção.

O verso é harmonia, ritmo, cadência, em suma, música.

Bernardette de Castro Faria, no seu livro *Neblina*, promissora estreia, revela-se totalmente alheada dessa desvairada influência que tantos novos seduz.

Ensaia-se no género poético mais difícil, no clássico soneto, cujos moldes exigem subtilidade de engenho e arguto poder de sintética ideação.

Inspirados por uma paixão febril, os sonetos de Bernardette de Castro Faria são uma fiada de extases amorosos, impregnados de renúncia, perturbação e incerteza.

Apesar do obsidiante sentimento amoroso que domina todos os sonetos, a sofreguidão apossa-se do leitor, na ânsia de conhecer um coração de mulher que com tanta sinceridade analisa e patenteia a sua paixão.

A naturalidade da forma, a eurtímia da música e a beleza da concepção, são índices seguros do pujante temperamento poético de Bernardette de Castro Faria.

Evidentemente que os seus sonetos não são impecáveis. Alguns senões os desfeiam.

Aquela esmurradela na palavra *f'licidade*, abusiva e insistente, precisa de correcção.

O aspecto gráfico simples mas encantador.

Agradeço a oferta.

H. A.

CONCURSO PARA CANÇÕES DAS UVAS E DO VINHO

A iniciativa do *Diário de Lisboa* merece os aplausos do país inteiro.

O vinho, riqueza de Portugal, alegria dos nossos corações, andava divorciado da inteligência, das letras e dos artistas.

Cantar o produto das cêpas retorcidas, que os pampanos engrinaldam com garridice, em versos festivos, rubros e alegres, como o môtto das uvas — eis no que se cifrou a iniciativa do *Diário de Lisboa*, coroada pelo mais retumbante êxito.

Agora já temos inspiradas canções para a festa da uva, com músicas de laureados compositores.

EDITAL

VENDA DE PÃO

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do concelho de Guimarães:

Faz saber que em sua sessão de 14 de Maio de 1936, votou ao abrigo do disposto do artigo 10.º do Decreto n.º 13.166 de Fevereiro de 1927, a seguinte postura:

Artigo 1.º—O pão destinado à venda, que o de trigo quer o de milho, só pode ser transportado em carro fechado, especialmente destinado a esse fim, não podendo servir a qualquer outro fim, ou em cabaz com tampo de dobradiças, ou ainda em canastras adequadas.

§ 1.º—Os cabazes ou canastras poderão ser de qualquer tamanho ou forma, mas serão forrados de pano branco, que será sempre mantido em estado de perfeito asseio e, exteriormente poderão ter cobertura do oleado ou tela impermeável.

§ 2.º—Tanto os carros como os cabazes e as canastras, terão exteriormente uma taboleta ou inscrição, com caracteres bem legíveis, indicando o nome e sede da padaria e bem assim o número de ordem para cada padaria.

§ 3.º—Para a venda da rua ou entrega nos domicílios, cada pão de trigo será envólto em papel branco sem qualquer impressão do lado interior, não podendo sair das padarias sem ter sido previamente embrulhado, pelo que será punida com a multa respectiva a padaria cujas vendedeiras transportem pão de trigo que não venha nessas condições.

Art. 2.º—A infracção de qualquer das disposições será aplicável:

Pela 1.ª vez, a multa de 10\$00.

Pela 2.ª vez, a multa de 15\$00.

Por cada uma das vezes seguintes, a multa de 20\$00.

João Ferreira das Neves

Rua de Santo António — Guimarães — Telefone 181

Apresenta para bem servir os seus estimados clientes como sempre os seguintes horários:

Carreira entre GUIMARÃIS e PORTO

Partidas de Guimarães
8 h., 12,30 e 18,15

Partidas do Porto
8 h., 10,15 e 17

Carreira GUIMARÃIS — POVOA DE VARZIM

Partida de Guimarães
7,30 h.

Partida da Fóvoa
17,30 h.

Carreira GUIMARÃIS — PEVIDEM

Partidas de Guimarães
7,35 h., 12 e 19

Partidas de Pevidem
8 h., 12,30 e 19,30

§ único.—A's reincidências aplicar-se-á o disposto no artigo 36.º do Código Penal.

Art. 3.º—Esta postura, que é a renovação de posturas anteriores, com algumas modificações tendentes a tornar tão eficaz quanto possível o preceito de higiene, que é indispensável pôr em prática a bem da saúde pública, começará a vigorar a partir de 6 de Junho próximo, nos termos do artigo 195.º da Lei 88.

E para que chegue ao conhecimento de todos, manda publicar este edital e outros de igual teor.

Guimarães, Paços do Concelho, ao 15 de Maio de 1936. E eu, *Américo de Oliveira Durão* e chefe da Secretaria, o subscrevi.

O Presidente da Comissão Administrativa,

José Francisco dos Santos.

ANUNCIO

Os abaixo assinados convidam os seus credores a apresentarem as notas dos seus respectivos créditos, até ao fim do corrente mês, no cartório do notário desta comarca sr. dr. Moreira Sampaio, a fim de se fazer, conforme oportunamente se acordar, a sua liquidação.

Guimarães, 21 de Maio de 1936.

Manuel da Fonseca Castro.
Glória Pinto Lisboa.

(Segue-se o reconhecimento).

EDITAL

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do concelho de Guimarães:

Faz saber que no dia 11 do próximo mês de Junho, pelas 16 horas, no edifício dos Paços do Concelho, têm de arrematar-se em hasta pública, por propostas em carta fechada, as obras de pintura da parte anterior, compreendendo as escadas da Praça do Mercado Municipal desta cidade.

Base de licitação, escudos, 6.437\$32.

Os concorrentes deverão apresentar recibo de ter efectuado na Secretaria desta Câmara o depósito provisório de 160\$00.

As condições estão patentes na Secretaria da Câmara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passaram o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 18 de Maio de 1936. E eu, *Américo de Oliveira Durão*, chefe da Secretaria, o subscrevi.

O Presidente da Comissão Administrativa,

José Francisco dos Santos.

PEDIBOLA

Amanhã desloca-se a Monsão o valoroso grupo local, Vitória S. Club, acompanhado dos seus numerosos aficionados.

Naquela risonha e fronteiriça vila, está preparada uma entusiástica recepção aos nossos representantes desportivos.

Doenças dos olhos

Dr. Vilas-Boas e Alvim

com prática nos hospitais de Lisboa, Madrid e Paris

CONSULTA:

GUIMARÃIS: Hospital de Santa Casa de Misericórdia, às quartas e sábados, das 9 às 11 horas.

BRAGA: Todos os dias úteis—Largo Barão S. Martinho, 78.

EDITAL

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do concelho de Guimarães:

Faz saber que no dia 11 do próximo mês de Junho, pelas 16 horas, no edifício dos Paços do Concelho, têm de arrematar-se em hasta pública, por propostas em carta fechada, as obras de vidraceiro da parte anterior da Praça do Mercado Municipal desta cidade.

Base de licitação, escudos, 39.356\$89.

Os concorrentes deverão apresentar recibo de ter efectuado na Secretaria desta Câmara, o depósito provisório de 1.000\$00.

As condições estão patentes na Secretaria da Câmara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passaram o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 18 de Maio de 1936. E eu, *Américo de Oliveira Durão*, chefe da Secretaria, o subscrevi.

O Presidente da Comissão Administrativa,

José Francisco dos Santos.

CONFERÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Num dos salões das Escolas Centrais, com a presença do sr. Manuel Boaventura, digno Director Escolar do Distrito de Braga e do seu adjunto, realizaram-se na semana finda as conferências pedagógicas dos professores do concelho de Guimarães que decorreram num ambiente de franca cordealidade e respeitosa camaradagem.

Os temas pedagógicos ventilados, com elevação e inteligência, demonstraram que os nossos professores primários possuem uma preparação didáctica ao nível da espinhosa e delicada missão que desempenham.

O início das conferências realizou-se no dia 14, pelas 13,30, com a comparência dos professores e regentes dos postos de ensino.

Assumiui a orientação dos trabalhos, o sr. Manuel Boaventura, secretariado pelo sub-inspector sr. Manuel Caramona e pelo delegado do professorado neste concelho, sr. professor João Rodrigues Marques.

Ladeavam a mesa da presidência os conferentes e directores das Escolas Centrais — a ex.^{ma} sr.^a D. Luiza Miranda e o sr. Augusto Montes.

Foi dada em primeiro lugar a palavra ao nável e talentoso professor de Santa Leocádia de Britteiros, sr. Américo Soares Pinto, que antes de iniciar a leitura do seu brilhante trabalho propôs à assembleia que fôsem enviados telegramas de saudação aos srs. presidente do Conselho, Ministro da Educação Nacional e Director Geral do Ensino Primário.

Em seguida o conferente dissertou com proficiência e sentido objectivo sobre o conceito de disciplina na Escola Primária, com argutas deduções, revestidas de um cunho pessoal, que imprimiu ao trabalho originalidade e convicção.

No final da sua dissertação, em que os primores da forma se aliavam aos fulgores da doutrina, o conferente recebeu uma prolongada salva de palmas.

Seguiram-se no uso da palavra os srs. professores Augusto Padrão e António Gonçalves, que dissertaram com erudição sobre o ensino da caligrafia e desenho.

Nos debates sobre as sugestões apresentadas, intervieram muitos professores com judiciosas objecções.

No final destas conferências, o sr. presidente emitiu o seu parecer crítico, tecendo rasgados elogios aos trabalhos apresentados.

No dia 15, pelas 10 horas, realizaram-se as conferências das sr.^{as} professoras D. Maria do Carmo Marques Aragão e D. Maria Celeste Pinto Nobre, que abordaram respectivamente o ensino dos labores como factor

“As Gualterianas,”

(Continuação da 3.^a pagina)

Caricatos bairristas! Uma bem fundamentada comunicação da Academia das Ciências muda a face da questão.

A comemoração do 4.^o centenário da morte de Gil Vicente antes de Dezembro de 1936, é prematura. Não está em harmonia com a verdade histórica.

O carácter vicentino das Festas, que por certo lhes iria imprimir originalidade, brilho e elevação, é pôsto à margem.

A Câmara, então, resolve confiar a realização das Festas à Associação Comercial, porque a esta colectividade cabe essa obrigação.

Pois bem.

Que faz este organismo?

Aceita a incumbência, trabalhando por Guimarães, pelas suas Festas Gualterianas, que algum benefício poderiam trazer ao comércio lojista?

Atarefada, absorvida por altos assuntos corporativos ou económicos, ou, apenas, instigada por meras birras, por personalismos doentios, a Associação Comercial repele o encargo bairrista de realizar as Festas, censurando ainda por cima, aqueles que por elas já trabalharam.

Perdão. Não é bem assim.

A Associação Comercial aceita se a vereação camarária quiser passar por debaixo das «fôrças caudinas».

Isso seria uma humilhação imprópria de homens de carácter.

A nota officiosa da Associação Comercial quer dizer, única e simplesmente — nós não estamos para maçadas!

Amor à Terra.

Festas Gualterianas.

Bairrismo. Trêtas. Lérias. Apenas personalismos. Meras birras.

A Câmara repele o insulto e resolve promover as Feiras de S. Gualter com festivais.

E assim se inferioriza uma instituição que em tempos passados tanto lutou pelo esplendor das Festas Gualterianas.

«E lamentando que durante estes 4 meses últimos, nada se tivesse feito em prol das Festas Gualterianas»... etc.

Oh Senhores!

Então o esbôço do cortejo vicentino!

As démarches junto de Afonso Lopes Vieira, Amélia Colaço, Secretariado de Propaganda Nacional, etc., não representam trabalhos preparatórios para a realização das Festas?

Estará na Associação Comercial o foco da revolta surda contra um programa das Festas da Cidade em homenagem a Gil Vicente?

Porque razão?

Por ser intelectual, elevado, acima da craveira indigena?

Para ser bairrista é preciso também ter cultura.

Bairrismo. Amor à Terra. Trêtas. Lérias.

Talvez estejam absorvidos por altos problemas de economia!

Quem sabe!

Pobre Guimarães!

E «denota bom senso e desassombro» segundo o órgão regionalista, a nota officiosa da Associação Comercial!!!

Bairrismo. Amor à Terra. Festas Gualterianas. Meras birras. Trêtas. Personalismos doentios.

Pobre Guimarães!

E's tu, afinal, quem soíres as conseqüências dos disparates dos teus filhos.

da educação feminina e o sentimento patriótico na escola.

Ambos estes trabalhos agradaram sobremaneira.

Pelas 13 horas, realizou-se um banquete no Hotel do Toural, de cerca de 70 talheres.

Abriu a série de brindes o sr. dr. José Francisco dos Santos, presidente do Município e encerrou-os o sr. Manuel Joaquim Boaventura, director escolar do distrito.

Tomou parte no banquete o sr. administrador do concelho.

Os professores visitaram também o Castelo, junto ao qual tiraram uma fotografia.

Ao fim da tarde, alguns dos professores subiram à montanha da Penha.

Santa Casa da Misericórdia de Guimarães

Movimento hospitalar no mês de Abril de 1936

Hospital Geral de Santo António

Consultas no Banco, 701; receitas abonadas a doentes externos, 543; parturientes recolhidas, 14; crianças nascidas 13, sendo 9 do sexo masculino e 4 do sexo feminino; doentes existentes no último dia do mês de Março, 86; doentes entrados durante o mês, 119; doentes saídos: curados, 70; melhorados, 41; no mesmo estado, 12; falecidos, 6. Ficaram existindo no último dia do mês de Abril, 76; banhos dados no balneário, 192; operações de grande e pequena cirurgia, 51;

Acidentes de trabalho

Da lei aprovada na Assembleia Nacional, sobre acidentes de trabalho, respigamos alguns artigos:

Art. 1.^o Terão direito a assistência clínica, incluindo a hospitalar, medicamentos e indemnizações consignadas nesta lei, todos os trabalhadores que sejam vítimas de um acidente de trabalho.

Art. 2.^o E' acidente: 1.^o O que ocasionar alguma lesão ou doença sofrida pelo trabalhador no local e durante o tempo de trabalho; 2.^o O que se produzir na prestação de trabalho ou fora do local e tempo do trabalho normal, se ocorrer enquanto se executem ordens ou se utilizem serviços sob a autoridade da entidade patronal; 3.^o O que se produzir por ocasião de serviços espontaneamente prestados à entidade patronal e que lhe possam ser proveitosos.

Art. 7.^o As entidades responsáveis pelas indemnizações e mais encargos provenientes de acidentes de trabalho são: 1.^o As pessoas singulares ou colectivas que utilizem o trabalho sem exclusão do Estado, corpos e corporações administrativas; 2.^o O empregado ou sub-empregado quando assume respectivamente para com o proprietário ou empregado o encargo da realização da obra por conta própria; 3.^o O construtor nas obras executadas por administração em que o proprietário ou empregado assume o encargo da realização da obra.

Documento extenso, pormenorizado, para êle chamamos a atenção dos operários de Guimarães.

curativos feitos no banco, 2.680; injeções aplicadas, 1.517; aplicações eléctricas, 992.

Hospital António Francisco Guimarães
(Vizela)

Consultas no banco, 3; doentes existentes no último dia do mês de Março, 17; doentes entrados durante o mês, 3; doentes saídos: curados, 2. Ficaram existindo no último dia do mês de Abril, 18; operações de pequena cirurgia, 5; curativos feitos no banco, 53; injeções aplicadas 31.

PATROCINADO PELA
UNIÃO NACIONAL